CRIANÇA NÃO É PROBLEMA! ELA É A SOLUÇÃO!

A fé em Javé e o amor à vida inspiram a luta em defesa da vida ameaçada da criança no Antigo Testamento

Carlos Mesters[1]

São milhões de crianças abandonadas, marginalizadas ou carentes no Brasil. O número continua aumentando! Previsão de um futuro terrível, tanto para elas como para todos nós! São sobretudo três os pontos que chamam a atenção, quando se analisa esta situação em vista de uma solução: 1. O despreparo total das famílias para poder enfrentar o problema. Pois a causa principal está fora do alcance delas. É a política econômica que produz a insuficiência da renda familiar e favorece o êxodo rural. 2. A desintegração do tecido social. A sociedade, do jeito que está, já não é capaz de enfrentar o problema. Ela apenas se defende contra o menor através de um aparato policial cada vez mais forte. 3. Ausência de vida comunitária capaz de assumir uma ação em contrário para reverter a situação. Faltam organismos, comunidades e famílias que possam acolher o menor, ajudar os pais e oferecer uma saída.

Esta situação tornou-se um apelo à consciência de todos, independente do fato de a pessoa ser crente ou atéia. É o povo como um todo que está sendo questionado. Mas a situação da criança tornou-se um apelo sobretudo para a consciência cristã. Pois Jesus disse: "O que você fez para um destes meus irmãos mais pequeninos, *foi a mim que o fez!*" (Mt 25,40). Para Jesus, a criança é sacramento do Reino. Ela tem prioridade absoluta. Com estas questões na mente vamos abrir a Bíblia.

1. A situação da criança na época do Antigo Testamento

Foi a luta de quatro mulheres em defesa da vida ameaçada das crianças que desencadeou o êxodo. A Bíblia conservou os nomes delas: Sefra e Fua, as parteiras (Ex 1,15), Jocabed e Míriam, a mãe e a irmã de Moisés (Ex 6,20; 15,20). Elas tiveram a coragem de iniciar a resistência contra o sistema do faraó que tinha decretado o extermínio dos meninos.

O contexto mais amplo da luta destas mulheres era o seguinte. Palestina, a terra de Canaã, pertencia ao império egípcio. O faraó controlava a região através do tributo, através do exército e através da ideologia que ensinava o rei ser filho de deus. Controle sólido! Já tinha mais de 500 anos! Na Palestina, os reis locais, tanto os assim chamados

1. Este artigo já foi publicado anteriormente na Revista *Convergência*, 1995.

Reis de Canaã como, mais tarde, os Reis de Israel e de Judá, reproduziam o mesmo sistema em escala local.

Dentro deste mundo, qual era a situação da criança? Alguns fatos registrados na Bíblia ajudam a ter uma idéia do contexto em que aconteceu a luta destas quatro mulheres. Vamos enumerar oito pontos, ligados entre si como oito galhos nascidos do mesmo tronco, da mesma raiz:

1. Sacrifícios de fundação

Quando alguém construía uma casa, um palácio, um templo ou uma cidade, costumava sacrificar um filho para que fosse enterrado debaixo das fundações. Era assim que a religião de Canaã procurava a proteção dos deuses para a casa, o palácio, o templo ou a cidade. Por isso, a cidade de Jericó foi reconstruída "pelo preço" de duas crianças (1Rs 16,34).

2. Sacrifícios humanos

Em épocas de crise, guerra ou desastre total, costumavam sacrificar algum filho pequeno para apaziguar a ira dos deuses. Este costume cananeu penetrou na vida do povo hebreu, cujos reis faziam "passar seus filhos pelo fogo" (2Rs 16,3; 21,6; 23,10; Jr 7,31; 19,5; 32,35; Ez 16,21; Lv 20,2-5; 18,21). No oráculo sobre os Montes de Israel, Ezequiel chega a dizer: "Tu és uma devoradora de homens, tu privas de filhos a tua nação!" (Ez 36,13). Chegaram a fazer sacrifícios humanos no próprio Templo de Jerusalém (Jr 7,6).

3. Controle da população

Com medo do crescimento numérico dos hebreus, o faraó decretou a morte dos meninos (Ex 1,16.22). O poder do rei sobre os súditos era absoluto, poder de vida e de morte. As meninas podiam viver (Ex 1,16). Alguns vêem nisto um sinal de discriminação. O destino da mulher era gerar filhos para o opressor e dar prazer ao seu senhor.

4. O culto da fertilidade

Era um culto cananeu, promovido pelo poder público. Favorecia o acesso à divindade através do contato com prostitutas sagradas. Aumentava o número dos filhos para trabalhar e guerrear a serviço do rei e, assim, produzia crianças abandonadas. Além de desvirtuar o sentido do divino, este culto desintegrava o sentido do humano. A vida do profeta Oséias é um exemplo concreto de como este culto marginalizava a mulher e desintegrava as famílias. O nome simbólico das crianças indica a situação de abandono: *Lo-Ruhamah*, Sem-misericórdia; *Lo-Ammi*, Não-meu-povo (Os 1,6-9).

5. Filhos e filhas como escravos e escravas

A pobreza obrigava os agricultores endividados a vender seus filhos e suas filhas como escravos e escravas. Estes deviam trabalhar para o credor, durante tanto tempo quanto fosse necessário para pagar as dívidas (Ex 21,7; Ne 5,1-5). Na época do exílio, a escravização foi total, do povo inteiro, mas a maior vítima era a juventude (Lm 5,13-14). Depois do exílio, continuava a situação de cativeiro que obrigava os pobres a vender seus filhos e filhas como escravos e escravas (Ne 5,1-5).

6. Viúvas e órfãos

A influência da monarquia contribuiu para o enfraquecimento do sistema tribal e a desintegração do clã, da grande família. Por isso, começam a aparecer os pobres, as viúvas e os *órfãos* (Ex 22,21). As muitas guerras só faziam aumentar o número deles. Os órfãos e as viúvas não tinham quem os acolhesse ou ajudasse (Is 1,17.23; 10,2). Viviam abandonados, entregues à caridade pública. O povo já não dava conta de garantir uma vida digna para todos, como o exigia a Lei (Dt 15,4).

7. Marginalização da mulher

A marginalização da mulher acentuou-se sobretudo depois do exílio. A mulher era excluída de toda a atividade pública. O que mais contribuiu para a sua marginalização foi a lei da pureza. A mulher era considerada impura por ser mãe, por ser esposa, por ser filha, por ser mulher (Lv 12,2-5; 15,18). Junto com a mãe ficavam marginalizadas as filhas e os filhos pequenos!

8. Desintegração da vida

Durante o cerco de Samaria, a situação de fome chegou ao ponto de duas mulheres combinarem entre si de matar e comer seus próprios filhos. Comeram o filho da primeira. Mas a segunda não manteve a promessa. Aí, a primeira recorreu ao rei, para que ele obrigasse a outra a cumprir o prometido (2Rs 6,24-31). A mesma desintegração da vida apareceu durante o cerco de Jerusalém. As Lamentações de Jeremias falam de crianças famintas, abandonadas, assassinadas (Lm 1,5.15.18; 2,11-12.19), e de mães que chegaram ao ponto de matar e comer seus próprios filhos (Lm 2,20; 4,10).

Este é o contexto, em que o povo de Deus era obrigado a viver e conviver.

1. Sociedade desumana e abortiva que gerava marginalização, abandono e morte das crianças.

2. A marginalização da mulher e a desintegração da família e do clã contribuíam para manter a situação.

3. Situação opressiva, gerada por uma falsa concepção de Deus e da vida.

4. Situação legitimada pela religião oficial. A ideologia dominante fazia todo mundo pensar assim.

5. Humanamente falando, não havia saída.

Frente a este sistema idólatra de morte, a reação do povo de Deus foi de enfrentamento e de luta constante. Não do povo todo, pois, como vimos, a ideologia dominante tinha minado a resistência e encontrava seus defensores até entre os próprios Reis e Sacerdotes de Israel. Também hoje entre nós, apesar de todo mundo ser cristão, muita gente apoiou o militar aposentado que matou o menor Joílson a pontapé na praça da Sé em São Paulo. Muita gente aprova os policiais que mataram as crianças na Candelária no Rio de Janeiro.

Porém, tanto na Bíblia como hoje, uma minoria profética nunca aceitou nem aceita a ideologia dominante e sempre lutará em defesa da vida ameaçada das crianças. Na Bíblia, esta minoria soube encontrar os instrumentos adequados para conduzir a luta e obter algum resultado. Foi a *fé em Javé* e o *amor à vida* que foram capazes de abrir uma brecha nesta muralha impenetrável e de encontrar uma saída. É o que vamos ver agora.

2. Amor à vida e fé em Deus – A fonte da mística que anima a defesa da vida das crianças

1. O início: história e símbolo

É bom lembrar sempre que o êxodo do povo de Deus começou com a defesa da vida ameaçada das crianças! Foram quatro mulheres que, para defender a vida dos meninos condenados à morte, começaram a reagir contra o sistema do faraó. A história destas mulheres, narrada bem no começo do livro do êxodo (Ex 1,15-22 e 2,1-10), era relida e transmitida de geração em geração. Fazia parte da memória do povo. Era narrada com muito carinho, pois o povo conservou até os nomes delas. Sempre de novo, nas reuniões e celebrações, ao longo dos séculos, a história destas quatro mulheres era lembrada e atualizada, para despertar a consciência e provocar nos ouvintes a mesma ação em defesa da vida ameaçada das crianças. Por isso, a história tornou-se *símbolo*, isto é, espelho crítico daquilo que povo deve ser. Hoje temos tantas histórias bonitas do mesmo tipo que poderiam ser lembradas e narradas, de geração em geração, para despertar uma nova consciência em nós!

2. A motivação que anima a luta em defesa da criança

Conforme a narração do livro do Êxodo, aquilo que motivou Sefra e Fua, Jocabed e Míriam para iniciar a luta em defesa da vida ameaçada das crianças, foram o amor à vida e o temor de Deus. *Amor à vida*, pois eram parteiras. Eram mãe e irmã (Ex 1,15; 2,1.6). *Temor de Deus* (Ex 1,17), pois tiveram participação na nova experiência de Deus que rompeu com a ideologia dominante da "Escola do Faraó". Descobriram e

experimentaram que Deus é Javé, isto é, presença gratuita e libertadora junto dos oprimidos (Ex 3,11-15). Como em Moisés, assim nelas, o sangue e a fé foram mais fortes que a ideologia (Ex 2,11-12).

3. Aquilo que o espelho da narração queria despertar no povo que nele se espelhava

Quem conta um conto aumenta um ponto. Aumenta de acordo com a finalidade da narração. Como aquelas quatro mulheres da narração, muitos dos leitores e leitoras não tinham uma visão completa do sistema, mas tinham *amor à vida e aos filhos* e *temor a Deus* (Ex 1,17). Por isso, encontravam algo de si mesmo na vida e na luta delas, e encontravam nelas a coragem para desobedecer à ordem dos faraós de sempre. Esta dupla experiência de Deus e da vida, dava ao povo a luz para perceber a falsidade da religião que legitimava o extermínio dos menores tanto no Egito como em Israel, e a coragem para desobedecer às ordens expressas tanto do Faraó como dos Reis. Além disso, a narração quer provocar a criatividade. As quatro mulheres tiveram uma incrível astúcia e criatividade: organizam-se entre si, não têm medo de esconder a verdade ao faraó (Ex 1,19), conhecem a situação, sabem quando a filha do Faraó vai tomar banho no rio (Ex 2,3-7). Elas chegam ao ponto de fazer o faraó pagar à mãe para ela criar o próprio filho (Ex 2,9).

E assim, cada vez de novo, durante toda a história do povo de Deus, são sempre a fé em Javé e o amor à vida que levam as pessoas a recomeçar a luta em defesa da vida ameaçada da criança.

3. Nova experiência de Deus – Nova experiência da vida

De um lado, a nova experiência da vida que o povo hebreu foi tendo em contato com Javé levou a condenar práticas religiosas que causavam a morte das crianças. De outro lado, a nova experiência de Deus que ele foi tendo em contato com a vida levou a condenar imagens de Deus que não respeitavam a vida. Vamos ver alguns episódios relacionados com a defesa da vida da criança. Trata-se de histórias antigas que funcionavam mais como espelho do que como janela, isto é, mais como símbolo do que como história. Elas nos revelam os traços do rosto de Deus que acordava no povo através da luta em defesa das crianças. Ao mesmo tempo, deixam transparecer os vários aspectos do contexto desta luta: econômico, social, familiar, político, jurídico, ideológico, religioso, cultural,...

1. "Deus ouviu os gritos da criança do jeito que ela está aí" (Gn 21,17.19)

Uma certeza percorre a Bíblia de ponta a ponta, a saber, Deus escuta o clamor do povo oprimido (Ex 2,23-25; 3,7-8). O clamor do pobre, do pequeno, é o outro lado do apelo de Deus. Dentro deste contexto, adquire um sentido especial a história de Agar (Gn 21,8-21). Marginalizada e expulsa por Sara, sua patroa, Agar anda errante pelo deserto, carregando seu filho Ismael. Sem recursos, sem comida, não sabendo

como enfrentar a situação, coloca o menino debaixo de uma árvore e se afasta: "Não quero ver morrer a criança!" (Gn 21,16). Sentou-se e começou a chorar e gritar. Mãe e criança choram! Aparece um anjo de Deus que diz: "O que é isso, Agar? Não tenha medo não! *Deus ouviu os gritos da criança do jeito que ela está aí*" (Gn 21,17). O anjo mandou que ela levantasse o menino e o segurasse com firmeza. Em seguida, assim diz o texto, *"Deus abriu os olhos de Agar"*, e ela, de repente, enxergou um poço com água que antes não tinha visto (Gn 21,19). Imediatamente, se animou e começou a encontrar os meios para alimentar o menino e sobreviver (Gn 21,19). E o menino cresceu, lá mesmo no deserto, e se tornou uma nação forte (Gn 21,20-21).

A maior tentação é querer enquadrar Deus e reduzi-lo a uma peça dentro do sistema que nós mesmos montamos. Foi o que fizeram o faraó e os reis. Foi o que fez Sara, ao expulsar Agar. Tentou assegurar *toda* a herança só para Isaac (Gn 21,10). Mas Deus não se enquadra no projeto de Sara. A fonte da vida renasceu em Agar! Apesar de expulsa do meio do povo, esta teve uma visão de Deus (Gn 16,7-16) e reencontrou os meios para defender a vida da criança. "Deus esteve com o menino, e o menino cresceu" (Gn 21,20). Quando em épocas de crise a imagem tradicional de Deus já não diz mais nada ou quando ela é ofuscada pela imagem manipulada da ideologia dominante, aí sempre aparece uma minoria incômoda, feita de viúvas como Rute, de mães solteiras como Agar, de parteiras como Fua e Sefra ou de escravos fugitivos como Moisés, que reencontram a entrada da fonte, desobstruem o acesso e redescobrem que Deus é Javé, aquele que escuta o clamor dos pobres, que está com os oprimidos e que defende a vida ameaçada das crianças, provocando a raiva tanto dos Reis como dos Sacerdotes do Templo. A fé neste Deus, sempre de novo, faz renascer a esperança e traz luz para descobrir novas saídas.

Esta história de Agar relata uma experiência de Deus no meio do desterro e do abandono! Qual o seu efeito na vida? 1. Deus escuta o clamor da criança do jeito que ela se encontra, abandonada, quase à morte! 2. Faz com que Agar, escrava e mãe solteira, se restabeleça e se anime. 3. Abre os olhos dela e a faz enxergar os meios de vida mesmo no deserto onde só existem desolação e morte. 4. Provoca iniciativas que fazem a criança crescer, não no ambiente de onde foi expulsa por Sara, mas sim no ambiente onde ela vive abandonada. Sinal de muita criatividade!

2. "Abraão! Não estenda a mão contra o menino" (Gn 22,12)

Inicialmente, na época dos reis, a história do sacrifício de Isaac (Gn 22,1-19) era narrada como um alerta contra o costume dos cananeus de matar os filhos. A narração deixa transparecer como era forte a tentação de sacrificar os filhos em nome de Deus. Ela apresenta Abraão seguindo uma inspiração religiosa, obedecendo a um apelo de Deus que pedia o sacrifício do filho. No último momento, porém, o narrador faz saber que o Deus de Israel não quer este sacrifício (Gn 22,12). Ele condena as matanças de crianças que ocorriam em Israel (2Rs 16,3.34). Assim, a história apresenta Abraão, o pai do povo, como modelo a lutar em defesa da vida ameaçada da criança.

Mais tarde, depois do exílio, quando a tentação da religião dos cananeus já não existia mais, esta história foi reutilizada como tijolo velho numa parede nova. Agora, no atual contexto da Bíblia, ela serve para apresentar Abraão como modelo de fé: crer até o ponto de admitir que seja possível nascer vida da própria morte (Hb 11,19)! Mas, tanto antes como depois do exílio, o Deus de Israel, o nosso Deus, sempre se revela como o Deus da vida. Na atual situação nossa, aqui no Brasil, com milhões de crianças e adolescentes abandonados, carentes ou marginalizados, se não tivéssemos esta fé no Deus da vida e na vida criada por este Deus, poderíamos até desanimar da luta!

3. "Não maltrate a viúva nem o órfão" (Ex 22,22)

Uma conseqüência imediata da fé em Javé, o Deus da vida, é atender às necessidades dos *órfãos* e *viúvas*. No Código da Aliança, numa das leis mais antigas, se diz: "Não afligireis a nenhuma viúva ou órfão. Se o afligires e ele clamar a mim, eu escutarei o seu clamor. Minha ira se inflamará e vos farei perecer pela espada: vossas mulheres ficarão viúvas e vossos filhos órfãos" (Ex 22,21-23). Ou seja, uma sociedade que não cuida da sua juventude, recebe o troco. Ela cava sua própria ruína. O Código da Aliança não deixa dúvida. Se a criança pobre clamar, e se você for a causa deste clamor, Deus vai atender ao clamor da criança e da mãe, e tomará a sua defesa. Ele defenderá os direitos do pobre.

No livro do Deuteronômio acentua-se esta preocupação com os órfãos e as viúvas. O dízimo que se paga é para eles (Dt 14,29; cf. 24,19-21; 26,12-13). Eles devem poder participar das festas e alegrar-se com o povo (Dt 16,11.14). Pois Javé é um Deus que faz justiça aos órfãos e às viúvas (Dt 10,18). A lei do Deuteronômio maldiz todo aquele que perverte o direito do órfão e da viúva (Dt 27,19). Nos salmos Deus é chamado "Pai dos órfãos, justiceiro das viúvas" (Sl 68,6).

4. "Honra teu pai e tua mãe" (Ex 20,12)

O outro lado da fé em Javé é o compromisso concreto com uma convivência humana que se orienta pelos Dez Mandamentos. Os Dez Mandamentos exprimem a nova organização que nasce quando se acredita em Javé. Eles são a *Constituição do Povo de Deus*. O gancho, muitas vezes esquecido, em que estão pendurados estes Dez Mandamentos é a solene afirmação de Deus que diz: "Eu sou Javé, teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão" (Ex 20,2). É para impedir o retorno para a *casa da escravidão* que o povo deve observar os Dez Mandamentos. Ele deve viver em estado permanente de Êxodo!

O quarto mandamento diz: "Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem teus dias na terra que Deus te dará" (Ex 20,12). Nos Dez Mandamentos não se pede para obedecer aos Reis, nem ao Governo, nem aos sacerdotes, nem às autoridades locais ou regionais, nem mesmo aos *pais* em geral, mas sim ao *teu pai* e à *tua mãe*. A "Constituição do Povo de Deus" valoriza a mãe, a mulher, ao lado do pai, o homem. Os dois estão em pé de igualdade. Deste modo, o quarto mandamento assegura um

ambiente de vida, onde as crianças podem crescer em harmonia e ter um futuro garantido. Reforça o núcleo básico da sociedade que é a família, o clã, a comunidade, para, assim, garantir a posse da terra: "Para que se prolonguem teus dias na terra que Deus te dará" (Ex 20,12).

5. "Terei compaixão da (criança) 'Não-Compadecida'" (Os 2,25)

O livro de Oséias traz o seguinte oráculo em que Deus se dirige ao povo: "Eu vou casar com você para sempre, vou casar com você na justiça e no direito, no amor e na ternura, vou casar com você na fidelidade, e você terá experiência de Javé" (Os 2,21-22). Esta frase tão bonita, colocada na boca de Javé, exprime o que Oséias, ele mesmo, estava tentando viver no relacionamento com a sua esposa Gomer (Os 1,3) e com as crianças abandonadas, *Lo-Ruhamah*, Sem-misericórdia, e *Lo-Ammi*, Não-meu-povo (Os 1,6-9).

Como vimos, o culto de fertilidade tinha desintegrado a vida familiar de Oséias. A desgraça que se abateu sobre a vida deste homem era uma amostra do que estava acontecendo no país. Tanto sua mulher como as crianças, ambas foram marginalizadas pelo sistema idólatra de morte em que viviam. Mas Oséias, pela força do seu amor desinteressado, conseguiu que Gomer abandonasse o culto da fertilidade e que as crianças fossem acolhidas. Gomer voltou a ser sua esposa com a mesma dignidade de antes (Os 2,18-19). O filho *Lo-Ruhamah*, Sem-misericórdia, é novamente o *Amado*, e a filha *Lo-Ammi*, Não-povo, é novamente *Povo de Deus* (Os 2,25).

Esta experiência familiar e profundamente humana da força do amor fez com que Oséias redescobrisse o poder regenerador do amor gratuito de Deus. Tudo isto foi nele um apelo que o fez descobrir sua vocação como profeta.

6. A defesa do clã, da família, da comunidade

Saindo do Egito, ainda no deserto, o povo tinha começado a criar um novo sistema de convivência, diferente do sistema do faraó e dos reis. E o fez em nome da sua fé em Javé que o tirou do Egito. No centro desta nova convivência estava o clã, a comunidade, a grande família. Resumindo, se pode dizer que a função do clã, da comunidade, era a seguinte: impedir o latifúndio e a concentração do poder, garantir a posse da terra e promover a partilha dos bens, tomar a defesa das famílias e das pessoas e garantir o acolhimento e a sobrevivência dos órfãos e das viúvas. O clã era o guardião das tradições e dos costumes, conservava a memória do povo e era fonte de identidade. Ele era a mediação da Aliança do povo com Javé.

No decorrer da história, todas as vezes que enfraquecia a fé em Javé, enfraquecia também o clã, a comunidade. A desintegração do clã deixava as famílias sem defesa e o sistema opressor se fortalecia. Todas as vezes, porém, que se renovava a fé em Javé, crescia a comunidade, o clã. As tentativas de renovação sempre recomeçavam pelo fortalecimento do clã, da comunidade. Esta é uma constante que marca a história do povo de Deus. Até hoje!

Por causa deste seu modo de conviver, tão diferente do sistema dos reis e do faraó, o povo de Israel tornou-se uma Boa-Nova para os povos oprimidos da época. Durante uns duzentos anos, isto é, durante o período dos Juízes, eles tentaram viver este ideal no alto das montanhas da Palestina. Foi uma amostra do Reino, que ficou na memória do povo como uma eterna saudade a ser transformada em esperança! As histórias sempre lembradas e atualizadas das parteiras, de Abraão, de Agar e tantas outras faziam parte desta esperança.

Por isso, o problema da criança abandonada não era apenas um problema familiar. Era também um problema social e político. Por exemplo, no tempo de Salomão, a monarquia, criando distritos em vista da cobrança dos impostos, enfraqueceu a organização do clã e contribuiu para a desintegração das famílias. Exigindo o tributo, gerou empobrecimento e desigualdade entre as famílias dentro do mesmo clã (1Rs 4,7). Para construir o Templo, reintroduziu os trabalhos forçados, dos quais Deus tinha libertado o povo, tirando-o do Egito (1Rs 5,27). Esta política de Salomão pesou tanto, que já no fim do seu reinado o povo se rebelou e provocou a divisão entre Israel e Judá (1Rs 12,4). A monarquia, o rei humano, acabou com o sonho. Deixou a saudade que crescia na mesma medida em que crescia a opressão.

4. O messias criança – Criança, sinal e garantia de futuro para o povo[2]

No século VIII antes de Cristo, o rei Acaz (736-716) sacrificou seu próprio filho ao ídolo dos cananeus (2Rs 16,3). A nação ficou sem um sucessor no trono de Davi e, sem sucessor, já não seria possível realizar a promessa de Deus que dizia: "Sempre haverá um sucessor no trono de Davi" (2Sm 7,12-13). Com outras palavras, matando o filho, o rei matou a esperança do povo! Ao mesmo tempo, a incompetência dos "condutores do povo" estava trazendo a desgraça sobre toda a juventude (Is 9,15-16). Havia muita injustiça feita às crianças, aos órfãos (Is 1,17.23; 10,2).

Neste contexto, em que a criança não era valorizada, o profeta Isaías faz da criança o sinal do futuro do povo: "Eu e as crianças que Javé me deu somos para Israel sinais e presságios de Javé" (Is 8,18). Os capítulos 6 a 12 de Isaías, o assim chamado "Livro do Menino", e os nomes que ele deu a seus quatro filhos, são a expressão desta nova forma de esperança. Vejamos:

1. Shear-Yashub

Quando o rei Acaz, no seu desespero, começou a reforçar as muralhas da cidade, achando que era nelas que estava a sua defesa, Isaías foi ao encontro dele, acompanhado pelo filho chamado *Shear-Yashub*, isto é, *Um resto voltará* (Is 7,3). Para o rei que, matando seu próprio filho, tinha matado o futuro da nação, o filho de Isaías era

2. Muito me serviu o estudo de Milton SCHWANTES. *O Messias Criança. Observações sobre Isaías 6–9 + 11*, CEBI, Belo Horizonte 1987.

um sinal vivo de que haveria um futuro! O futuro do povo já não estava nas muralhas, nas armas ou no poder, mas sim na fraqueza de uma criança!

2. Emanuel

Em outra ocasião, naquela mesma situação de desespero, causada pela invasão de Judá pelos reis de Israel e de Damasco que queriam forçar Judá a entrar numa aliança contra a Assíria, Isaías procurou o Rei Acaz para animá-lo a reagir contra o desânimo e contra a falta generalizada de fé. Diante da recusa do rei, o profeta reafirmou sua fé no futuro através de uma criança: "A moça vai conceber e dará à luz um filho! E você dará a esse menino o nome de *Emanu-El*, isto é, *Deus-Conosco*" (Is 7,10-17). O menino que ia nascer era a prova de que Deus continuava com o povo, continuava sendo Javé! Uma criança sem poder desautorizava o poder descrente do Rei!

3. Maer-Salal Has-Baz

Nasceu outra criança para Isaías e Deus mandou dar como nome *Maer-Salal Has-Baz*, isto é, *Pronto-Saque-Próxima-Pilhagem* (Is 8,1-4). Esta criança era sinal de que os reis invasores em breve seriam destruídos. Os planos dos adversários que metiam tanto medo ao rei de Israel não tinham futuro, porque *Deus está conosco*, "Ó Emanuel!" (Is 8,8.10). Uma criança fraca e sem defesa é sinal e prova da presença poderosa de Deus no meio do povo!

4. Maravilha

No fim, assim diz Isaías, "o povo que anda nas trevas viu uma grande luz, porque um filho nos foi dado" (Is 9,1.5). Nasceu outro menino e a este foi dado o nome de "*Maravilhoso Conselheiro, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz*!" (Is 9,5). Este menino garantia a vinda da luz. Por isso mesmo, era fonte de muita alegria para o povo (Is 9,1-2).

5. Messias criança

Por tudo isso, o profeta tem esperança de que, finalmente, "do tronco de Jessé vai nascer um menino" (Is 11,1), sobre o qual repousará o Espírito do Senhor com seus sete dons (Is 11,2-3). Esta criança vai julgar os fracos com justiça (Is 11,4). O futuro que assim nascerá é caracterizado da seguinte maneira: "Bezerro e leão pastarão juntos, e um *menino* os guiará. O *bebê* brincará no buraco da cobra venenosa e a *criancinha* enfiará a mão no esconderijo da serpente" (Is 11,6.8). E na imagem do futuro do novo céu e da nova terra, já não haverá mortalidade infantil (Is 65,20). Os meninos vão morrer aos cem anos de idade (Is 65,20).

5. O ponto de chegada – A criança não é problema! Ela é a solução!

No livro de Rute, tudo recomeça com o nascimento da criança. Quem vai redimir o povo é a criança, acolhida pela comunidade em clima de festa (Rt 4,13-17). O seu nome revela a missão do povo: ser *Obed*, ser servidor.

O casal Elimelec e Noemi, forçado pela fome, abandona sua terra e migra para um outro país (Rt 1,1). Os nomes dos filhos, *Maalon* e *Quelion*, isto é, *Doença* e *Fraqueza* (Rt 1,2), revelam a situação de abandono em que se encontra a juventude. Vivendo no estrangeiro, os dois filhos se casam com mulheres de lá. Pouco depois, eles morrem sem deixar filhos (Rt 1,4-5). Sobram três viúvas, as três sem filhos, sem terra e, dentro das possibilidades legais da época, sem futuro. Pois não tinham condições de terem um herdeiro. Elas são a imagem da situação do povo da época.

Ora, neste deserto total, a renovação só recomeça, quando Noemi "*soube que Deus visitara seu povo dando-lhe pão*" (Rt 1,6). O que levou a recomeçar a caminhada foram a *visita de Deus* e a *certeza do pão*. Como na história das parteiras, é a fé em Deus e o amor à vida, expresso no desejo de ter pão, que mantêm Noemi e Rute na caminhada até o nascimento do Menino, chamado Obed, isto é, Servidor, que deu nova esperança ao povo (Rt 4,13-17).

Raiz, conseqüência e expressão desta nova esperança é a experiência de Deus que apareceu no grupo dos discípulos e das discípulas de Isaías na época do exílio. Deus é como mãe que não esquece seus filhos. E mesmo que esquecesse, Javé nunca esquecerá (Is 49,15-16). Deus carregou o povo desde o seio, desde o berço (Is 46,3). O povo será amamentado e saciado pelo seio consolador de Javé. Será acariciado sobre os joelhos. Como a mãe consola, assim Deus o consolará (Is 66,11-13). Aqui, a criança não é problema, ela é a solução!

Bibliografia

CRÜSEMANN, Frank. *Os dez mandamentos*, CEBI/Sinodal, São Leopoldo, 1995.

KIPPENBERG, Hans G. *Religião e formação de classe na antiga Judéia*, Paulinas, São Paulo, 1989.

MESTERS, Carlos. *Rute*, Vozes/Sinodal, Petrópolis/São Leopoldo, 1987 (Comentário Bíblico/AT).

PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. Vozes, Petrópolis, 1990 (Coleção Deus Conosco).

SBRANA, Lélia Y. *Justiça do órfão – Um ensaio sobre o órfão na profecia a partir de Isaías 1,10-17*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1994.

SCHWANTES, Milton. *O messias criança – Observações sobre Isaías 6–9 + 11*, CEBI, Belo Horizonte, 1987.

SCHWANTES, Milton. "'Era um menino' – Anotações sobre Oséias 11", *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, v. 14 (1993), p. 33-43.

SCHWANTES, Milton. *A família de Sara e Abraão – Gênesis 12–25*, Vozes/Sinodal, Petrópolis/São Leopoldo, 1986.

VIEIRA SAMPAIO, Tânia Mara. "O corpo excluído de sua dignidade – Uma proposta de leitura feminista de Oséias 4", *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, v. 15 (1993), p. 124-132.

WINTERS, Alicia. "A mulher no Israel pré-monárquico", *Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana*, v. 15 (1993), p. 112-123.

Carlos Mesters
Caixa Postal 64
Angra dos Reis – RJ
23900-000